

Arte grega e romana

João Pedro Ricaldes

A arte greco-romana impactou o Ocidente por pelo menos dois mil anos, legando noções de dinamismo na escultura, de naturalismo e tridimensionalidade na pintura e, principalmente, criando as três ordens da arquitetura clássica (dórica, jônica e coríntia).

No seu período clássico (séculos V e IV a.C.), a arte grega consolida suas formas definitivas. Na escultura, somou-se ao naturalismo e à proporção das figuras o conceito de dinamismo refletido nas estátuas de atletas como o Discóbolo de Miron.

Na arquitetura, definem-se as três ordens: a austeridade do estilo dórico; a elegância do estilo jônico e o rebuscamento do estilo coríntio.

A arte grega, em sua fase clássica, legou à posteridade um profundo gosto pelo individualismo, humanismo e pelo naturalismo, traços da mentalidade grega forjados na rivalidade política e econômica das cidades-estados (Polis). Contrastando com o sufocante coletivismo egípcio, o individualismo grego é estimulado nas disputas das Poleis pela preferência dos Deuses (Jogos Olímpicos), no conflito diário entre as classes (escravos x cidadãos / latifundiários e minifundiários), nas disputas pelas rotas comerciais do Mar Mediterrâneo, no Imperialismo Ateniense e na Guerra do Peloponeso (Atenas x Esparta).

Admiradores da cultura grega, os romanos copiaram-lhe em seus traços essenciais, não sem inovações. Ou se mandavam trazer da Grécia esculturas, colunas e objetos de todo tipo, ou faziam cópias dos originais nas oficinas de Roma.

Na arquitetura, os romanos acrescentaram à herança grega o arco e a abóbada estrusca, soluções técnicas que possibilitaram afastar o teatro de seu esconderijo natural nas encostas de uma colina e criar, em qualquer espaço, o anfiteatro, com maior capacidade de público.

Na pintura, os romanos apreciaram o uso decorativo de peças gregas, reproduzindo-as nas paredes internas das casas dos patrícios, procurando criar uma ilusão de profundidade e de espaço ampliado. Já no século II a.C., na época da república, disseminou-se entre as famílias patrícias o peculiar costume de mandar que se fizessem imitações da opulenta decoração de templos e palácios, na casa em que viviam e na de campo. Graças a um bem-sucedido efeito ótico, chegavam a simular nas paredes portas entreabertas que davam a aposentos inexistentes.

Roma conquistou militarmente a Grécia, mas foi por ela conquistada espiritualmente. De fato considerava-se defensora e não invasora da Grécia. Os cuidados para administrar seu imenso território imperial, o maior de toda a Antiguidade, levaram os patrícios a desenvolverem uma mentalidade prática e imediatista, distante da abstração de seus colegas gregos.

Esta mentalidade se verifica no uso eminentemente decorativo da pintura, em ambientes privados, e na busca de soluções arquitetônicas adequadas à demografia do Império e a sua política do "pão e circo", estratégia indispensável de controle das classes subalternas (escravos de guerra, plebeus e povos bárbaros das distantes províncias). Desde a instauração do império, no século I a.C., a arte foi utilizada em Roma como demonstração de grandeza. Não apenas mudou totalmente a imagem da capital como também a do resto das cidades do império.